

Francin Alexandrina de Siqueira

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E QUESTÕES DE GÊNERO:  
Um estudo a partir do Estágio Supervisionado**

Florianópolis

2017



Francin Alexandrina de Siqueira

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E QUESTÕES DE GÊNERO:**

**Um estudo a partir do Estágio Supervisionado**

Trabalho Conclusão do Curso apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Seminário de Conclusão de Curso II e obtenção do grau de Licenciada em Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Carolina Fernandes da Silva

Florianópolis

2017

### Ficha de identificação da obra

A ficha de identificação é elaborada pelo próprio autor.

Orientações em:

<http://portalbu.ufsc.br/ficha>

Francin Alexandrina de Siqueira

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E QUESTÕES DE GÊNERO:  
Um estudo a partir do Estágio Supervisionado**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciada em Educação Física” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 20 de Novembro de 2017.

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Fernandes da Silva - Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Ms<sup>a</sup> Miraira Noal Manfroi - Membro  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Ms<sup>a</sup> Fanny Cacilie Gauna de Siqueira - Membro  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Kamila Silva Gomes - Suplente  
Universidade Federal de Santa Catarina

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à mamãe Jandira e ao papai Pedro, por serem meus melhores exemplos e por entenderam que os filhos são criados para o mundo, e me apoiarem para que eu me jogasse para ele; ao meu irmão Frank, por ser tão você, e pelo lindo presente de me tornar tia do nosso pequeno Ian. Amo demais vocês e obrigada por tudo!

Aos colegas da turma 2012.2, em especial Carolina Pauli, por esse jeito de ser tão seu e por ter me acolhido em sua vida. E a Melissa Fornaro, a paulista mais louca e parceira que eu tive o prazer de conhecer e ter me tornado amiga/irmã. Amo vocês, mães.

Ao Centro Acadêmico de Educação Física (CAEF), por me mostrar o lado da coletividade e parte do que sou hoje devo a vocês, Ina Neves, Gabi Nico, Kauê, Lucas Maromba, Ju Santiago, Carolini Morcelles, Guilherme, Rosinha, Ana Chagas, e os que passaram e os que continuaram pela luta no nosso Centro e por toda nossa Universidade. Quero ter vocês sempre do meu ladinho.

A toda equipe do Sesc Cacupé, onde fiquei durante dois anos, parte da minha formação devo a vocês. Obrigada Rodolfo, por ter me acreditado no meu trabalho, mesmo não tendo nenhuma experiência na área e pela amizade que criamos fora do ambiente de trabalho. Á Tais, que com seu jeitinho difícil de lidar, consegui conquistar com alguns cafés e cervejas (risadas). E a Beatriz, a menina que se tornou uma das pessoas mais importantes da minha vida. E não menos importante os meninos Danilo e Marcelo, e as meninas Lidi e Aryelle. Obrigada cada um de vocês, guardadinhos em meu coração.

À Ana Elisa, pela mega parceria na realização dos Estágios Obrigatórios nas escolas. Obrigada por cada aula, cada planejamento que só a gente sabe fazer, e obrigada pela amizade que construímos. E não menos importantes, a cada aluno que tivemos a oportunidade de conhecer, torço por cada um de vocês.

Um agradecimento mega especial para duas pessoas que além de amigas se tornaram irmãs, Giovana Rastelli e Vitória Lima, obrigada por serem meu ponto de equilíbrio e não deixarem eu desistir de cada sonho. Estaremos sempre juntinhas, amo demais!

A Fernanda Roberti, pessoa do qual tive o prazer de morar junta por dois anos e meios, onde criamos um laço de irmandade incrível. Obrigada por aguentar meus ataques de choro, risadas e as tantas intimidades que criamos. Te amo!

Ao quarteto fantástico que nasceu em Garopaba, e que levarei sempre no meu coração, Gabi, Ingrid e Vi Maciel. Cada uma correndo atrás dos seus sonhos, mas sempre juntas em pensamento, amo vocês.

A todos que contribuíram de alguma forma neste quase 6 anos de faculdade, seja ela por parceira em sala de aula, em conversas no Giga, em jogos do Jinef e até mesmo saídas para festas, bares, praias e até cafézão em casa, em especial Jéssica Suellem, Camilla Luiz, Felipe Ferreira, Renata, Glaura, Carlos Eduardo, Rafaela Borges, Pati Vasconcelos, Claudio Fontão, Maykon, Diogo Vieira, Brenda Rodrigues, Danilo Bonora, entre outros tantos que eu conheci e que com certeza estará no meu coração. Quero vocês sempre comigo.

Só tenho a agradecer a cada um de vocês que contribuiu nesse processo de formação. Caso tenha esquecido alguém nesse texto, porém jamais do coração. GRATIDÃO!

## RESUMO

Os debates sobre as relações de gênero no ambiente escolar se tornam cada vez mais frequentes, pois neste ambiente que as crianças vivem parte da sua vida e são influenciadas por culturas. Desta maneira, o trabalho teve como objetivo descrever como se estabelece as relações de gênero no âmbito da Educação Física Escolar no Ensino Infantil e no Fundamental I durante o Estágio Supervisionado I e II. Para isso, foi realizada uma pesquisa do tipo descritiva, em duas instituições da rede Municipal de Florianópolis, durante as aulas de Educação Física. As formações culturais advindas da escola, das relações professor (a)/aluno(a) e da sociedade, desempenham papel importante no desenvolvimento dos corpos de cada indivíduo. Desta maneira, foi observado e relacionado as concepções culturais propagada pelas instituições de ensino observada que constituíram estas relações, através de observações e anotações no diário de campo. Assim, os dados foram coletados através de observação e anotações em um diário de campo e para analisar, utilizamos de análise de conteúdo, onde consiste em isolar temas de um texto, de acordo com o problema pesquisa, para permitir sua comparação com outros textos escolhidos da mesma maneira. Foi possível observar que as questões de gênero presente na Educação Infantil, são ainda questões construídas em nossa sociedade a tempos atrás e quando elas vão para o Ensino Fundamental, levam consigo esta bagagem de concepções construídas na etapa anterior.

**Palavras-chave:** Gênero. Educação Física Escolar. Educação Infantil. Ensino Fundamental.



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**UFSC** – Universidade Federal de Santa Catarina

**UFMG** – Universidade Federal de Minas Gerais

**PCNs** – Parâmetro Curricular Nacional

**LDB** – Lei de Diretrizes e Bases

**CNE** – Conselho Nacional de Educação

**CEB** – Câmara de Educação Básica

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA.....</b>	<b>10</b>
<b>1.2 OBJETIVO GERAL .....</b>	<b>13</b>
<b>1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....</b>	<b>13</b>
<b>1.4 JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>13</b>
<b>2 . REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL E GÊNERO .....</b>	<b>15</b>
<b>2.2 ENSINO FUNDAMENTAL E GÊNERO .....</b>	<b>17</b>
<b>2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA E GÊNERO .....</b>	<b>19</b>
<b>3 . METODOLOGIA .....</b>	<b>21</b>
<b>3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO .....</b>	<b>21</b>
<b>3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO .....</b>	<b>21</b>
<b>3.2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>21</b>
<b>3.2.2 ENSINO FUNDAMENTAL .....</b>	<b>22</b>
<b>3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....</b>	<b>23</b>
<b>3.3.1 OBSERVAÇÃO.....</b>	<b>23</b>
<b>3.3.2 DIÁRIO DE CAMPO .....</b>	<b>23</b>
<b>3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA .....</b>	<b>23</b>
<b>3.5 ANÁLISES DE DADOS .....</b>	<b>25</b>
<b>4 . DISCUSSÃO .....</b>	<b>26</b>
<b>4.1 EDUCAÇÃO INFANTIL E GÊNERO: OS PRIMEIROS PASSOS .....</b>	<b>26</b>
<b>4.2 ENSINO FUNDAMENTAL E GÊNERO: O PROCESSO DA CAMINHADA. 29</b>	<b>29</b>
<b>5 . CONCLUSÃO .....</b>	<b>32</b>
<b>6 . REFERÊNCIAS .....</b>	<b>34</b>



## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

É da vivência do mundo escolar que minhas questões sobre diferenças gênero vieram de encontro a mim. Ao deparar com situações conflitantes no ambiente escolar, levando em conta que a escola é parte integrante da sociedade e também é determinada por ela, os diversos fenômenos sociais (portanto também as desigualdades) encontram lugar ali (VAZ, 1999). Aonde vem crescendo o número de debates educacionais referentes ao tema, demonstrando uma compreensão mais sobre estas relações e de como ela se faz presente no ambiente escolar.

O debate sobre gênero está cada vez mais presente nas discussões acadêmicas, nos movimentos sociais, nas organizações não governamentais e nas esferas do poder público, especialmente quando se discutem políticas públicas (WOLFF; SILVA, p.95, 2015). Este fato se deu a partir das lutas feministas no século XIX, e quando olhamos para a história deste conceito, retomamos a história do feminismo e da trajetória dos diferentes movimentos feministas e de mulheres. “[...] É a partir e no interior dos debates e lutas deste movimento que o conceito de gênero foi criado” (WOLF; SILVA, p.95, 2015).

A chamada “primeira onda” do movimento feminista no Brasil, se deu no final do século XIX e início do século XX, onde as mulheres, na sua maioria de classe média, saíram às ruas reivindicando o direito à educação e ao voto, direito até então exclusivo aos homens. Foi a partir dessa etapa que iniciaram os rompimentos de paradigmas conservadores, desencadeando muitas discussões sobre diversos outros assuntos como a liberdade de expressão, igualdade de direitos, autonomia sobre seu corpo, entre outros (SHARDOSIM, 2016).

A dita “segunda onda” do movimento feminista, surgiu reivindicando o direito ao corpo e ao livre amor. “O feminismo chamado de “segunda onda” surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, e deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres.” (PEDRO, 2005, p.79). Neste período a luta das mulheres era pelo direito de trabalhar fora, de ter ou não filhos, ou seja, queriam ter o direito de decidir por elas mesmas.

Neste mesmo período surge a discussão sobre o conceito de gênero fazer parte do movimento feminista. “Foi justamente na chamada “segunda onda” que a categoria “gênero” foi criada como tributária das lutas do feminismo e do movimento de mulheres” (PEDRO, 2005, p. 79). A categoria surge para quebrar o determinismo imposto pela sociedade, que traz

uma cultura que diferencia homens e mulheres, desvalorizando o ser mulher na sociedade, coibindo os seus direitos diante da comunidade.

O conceito de gênero surge com a pretensão de acentuar o caráter social das diferenças construídas embasadas no sexo, criticando o determinismo biológico de que o que é masculino e o que é feminino pelas diferenças corporais, isto é, que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo contínuo e não que se determina totalmente no nascimento de um sujeito do sexo feminino ou masculino, mas que se é uma coisa aprendida (MEYER,2001).

Ao pesquisar sobre esta categoria, se faz muito presente os estudos das autoras Guacira Lopes Louro (1997) e Joan Scott (1995). Nestes, o gênero é visto pelas escritoras como uma categoria analítica, a qual se articula com sexualidade, raça, classe, sendo pensado como uma forma de dar significado às relações de poder (SHARDOSIM, 2016). Ou seja, vai além da desigualdade entre os sexos biológicos, ele traz a problematização das relações que estão enraizadas na sociedade.

Scott (1999) conceitua gênero como uma categoria de análise onde o ser homem ou mulher na sociedade, se faz a partir de um contexto histórico. Compreendemos gênero como uma construção social, onde ser homem ou ser mulher não é determinado pelo sexo biológico, e sim da construção histórica de cada ser.

Visualizando a complexidade da qual a categoria gênero faz parte, indo muito além do determinismo biológico, envolvendo também as questões de raça, cultura, sexualidade, entre outras, é possível de ser entender porque esse assunto é tão pouco discutido no ambiente escolar, pois ele tende a fazer as pessoas a saírem do senso comum e enxergar as diferenças da sociedade.

Trazendo a questão de gênero para o âmbito escolar, nos remetemos à história da educação no Brasil, que em 1500 com a chegada dos colonizadores, o ensino concentrou-se nas mãos dos Jesuítas. As mulheres ficaram excluídas do sistema escolar estabelecido pela colônia, eram educadas apenas na catequese, pois estavam destinadas ao lar: casamento, trabalhos domésticos, orações, controle de pais e maridos (STAMATTO, 2002)

Anos depois, em 1755, o governo determinou que meninos e meninas frequentassem escolas diferentes, a formação do professor era exclusivamente direcionada aos homens e ligada ao exército (STAMATTO, 2002). Foi somente com a fundação de escolas protestantes, especialmente metodistas e presbiterianas, que quebraram o monopólio religioso do

catolicismo, e que pela primeira vez na história do Brasil reuniram sob o mesmo teto alunos de ambos os sexos (BERGER, 1984).

E a Educação Física, quando apareceu no contexto escolar? Segundo Ramos (1982) o início da Educação Física escolar no Brasil, denominada até então como Ginástica, ocorreu em 1851 com a reforma de Couto Ferraz. Mas foi apenas em 1882, que Rui Barbosa ao lançar o parecer sobre a “Reforma do Ensino Primário, Secundário e Superior”, revela a importância da Ginástica como elemento na formação do indivíduo.

Um ponto a ser destacado na história da Educação Física, segundo Goellner (2005), é o fato de que esta deveria ser inculcada nos indivíduos e na população, no sentido de demarcar questões de gêneros, ou seja, para as meninas, futuras mães de família, responsáveis pelas gerações vindouras e pela consequente prosperidade nacional, a Educação Física deveria ser suave e feminina. E no caso dos meninos, deveriam ser viris, militarizadas e voltadas ao desenvolvimento da agilidade, da disciplina, da competitividade, do patriotismo e da obediência. Este modelo de Educação Física se destacou no período da Era Vargas, onde tinha como principais objetivos o patriotismo e a preparação militar (ALBUQUERQUE, 2002).

Estes padrões de diferenciação de meninas e meninos na Educação Física Escolar, se redobra, pois acredita-se em diferenças nas capacidades fisiológicas existentes entre os sexos, diferenças estas que segundo professores são evidentes nas aulas mas que na realidade são estereótipos criados culturalmente pela sociedade e que permeiam as aulas de Educação Física.

Os estudos de gênero vêm então criar reflexões sobre a cultura criada pela sociedade na construção da diferenciação entre homens e mulheres pelo sexo biológico, se tornando “natural” ao cotidiano das pessoas inclusive no ambiente escolar. A partir desta perspectiva, a realização desta pesquisa se faz relevante, pois entende-se a importância da escola na formação do indivíduo, principalmente nas aulas de Educação Física que se faz presente obrigatoriamente no Ensino Fundamental, segundo as diretrizes brasileiras e na Educação Infantil de acordo com as diretrizes do município de Florianópolis, aonde seus corpos vão se construir.

Considerando a necessidade de observar estas construções feitas na sociedade e se fazerem presente no cotidiano escolar, foram levantadas questões em relação a presença das questões de gênero na Educação Infantil e no Ensino Fundamental: Como se estabelece estas relações no âmbito da Educação Física Escolar? Como as crianças expressam essas relações?

## 1.2 OBJETIVO GERAL

Descrever como se estabelece as questões de gênero no âmbito da Educação Física Escolar no Ensino Infantil e no Fundamental I durante o Estágio Supervisionado I e II em instituições da Rede Municipal de Florianópolis.

## 1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as relações dos alunos/as durante as aulas de Educação Física durante o Estágio Supervisionado I e II;
- Compreender como as relações de gênero se manifestam no desenvolvimento das atividades nas aulas de Educação Física;

## 1.4 JUSTIFICATIVA

A proposta de pesquisa se faz emergente ao pensarmos a contextualização em que escola está envolvida, como por exemplo, a repercussão nacional de movimentos conservadores, como o Programa de Escola Sem Partido, que busca eliminar a discussão ideológica no ambiente escolar, restringir os conteúdos de ensino a partir de uma pretensa ideia de neutralidade do conhecimento, bem como o fato do Brasil um País onde se traz ainda uma cultura pré-determinada, onde *“rosa é cor de menina”, “azul é cor de menino”, “futebol é para meninos”, “limpar casa é para meninas”*. Além disso, leva-se em conta a importância que o ambiente escolar se faz na formação de um indivíduo. Desta maneira, a partir deste caminho de pensamento chegou-se à proposta deste estudo pois com descrição de como as questões de gênero aparecem na Educação Física Escolar e como nós professoras/es, escola e comunidade podemos dialogar este assunto tanto nas nossas aulas como no nosso dia a dia, busca-se a reflexão de como a sociedade produz e reproduz concepções tradicionais e possibilidades para discussões contemporâneas sobre o tema.

Outro fator impulsionador para o presente estudo foram as observações como estagiária em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental I, em uma escola do município de Florianópolis, onde foram constatadas falas de alunos/as, como por exemplo, *“ioga é coisa de menina professor”, “professora não pode jogar futebol porque é menina”, “professor senta igual menina”*. Estas construções de estereótipos a partir do sexo da pessoa perpassam todas

as disciplinas escolares, inclusive a Educação Física, que tem papel importantíssimo na construção de um indivíduo crítico, capaz de (re) construir as questões de gênero no ambiente escolar, pois, ao falarmos de gênero, estamos considerando a dimensão histórica e cultural da relação da mulher e do homem, assim como as manifestações de poder entre eles.

Levando em conta o âmbito acadêmico, percebe-se a necessidade de problematizar e dialogar a respeito das questões de gênero nas aulas de Educação Física, visto que no decorrer da graduação não é oferecida disciplina específica que trate a respeito do tema. Além disso, o número de estudos a respeito do tema vem crescendo cada vez mais, mesmo existindo lacunas no meio científico, desta forma este estudo pretende colaborar para o aprofundamento das questões sobre o tema. Por fim, este estudo vem para proporcionar novas reflexões sobre as questões de gênero, para que sejam desenvolvidas intervenções não somente no âmbito escolar, mas também no ambiente familiar.



## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

A revisão de literatura teve um embasamento a partir da investigação de três temáticas, sendo elas: Educação Infantil e Gênero; Ensino Fundamental e Gênero; Educação Física e Gênero. Os dois primeiros tópicos foram trabalhados em decorrência de serem os dois polos que ocorreram a realização do Estágio Supervisionado que deram origem a pesquisa. Assim, o presente capítulo buscar interlocuções entre os estudos encontrados que tratam desta temática.

### **2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL E GÊNERO**

Com a Lei de Diretrizes e Bases, de 1996, definiu-se as instituições de Educação Infantil, que são conhecidas como creches e atendem crianças de zero a cinco anos de idade, como primeira etapa da Educação Básica.

Art.29, a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Art. 30, a Educação Infantil será oferecida em creches para crianças de até três anos, e pré-escolas para crianças de quatro a cinco. Art. 31, a avaliação deverá ser feita mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental (BRASIL, 1996).

Na Educação Infantil os projetos pedagógicos devem proporcionar uma formação humana onde não garanta apenas os direitos fundamentais, como alimentação e educação, mas também na formação de um indivíduo consciente, crítico e participativo na comunidade na qual se faz presente.

A instituição de educação infantil se constitui enquanto espaço privilegiado para o encontro de adultos e crianças e, neste sentido, uma excelente oportunidade para sistematicamente lançar possibilidade de construirmos um processo educativo inclusivo, igualitário, favorecendo assim o processo de humanização dos sujeitos no processo pedagógico (BRAGAGNOLO; BARBOSA, 2015, p.127).

Kramer (2008) afirma que uma das grandes lutas em relação à Educação Infantil é a de que o aspecto pedagógico seja considerado, tendo em vista as escolhas feitas principalmente em relação a maneira de lidar com igualdades e diferenças que fazem parte da dimensão política.

Vivemos em uma sociedade que traz consigo uma cultura pré-determinada onde meninas e meninos são educadas/os para ter ações que correspondem a estes modelos impostos na sociedade, como por exemplo, menina ajuda a mãe em casa e os meninos vão para rua jogar futebol. Percebe-se diante de exemplos pequenos, a necessidade de ir conversando sobre esta cultura pré-determinada desde a Educação Infantil, pois estas vivências influenciam na formação das crianças.

Para Brougère (2004) o primeiro contato que das crianças é com seus pais ou com pessoas que se faz presente, é a partir deles que se provêm a construção de estereótipos no ambiente de brinquedos. As meninas normalmente são estimuladas a brincar de “casinha” fazendo a representação de mãe e os meninos a brincar de carrinho ou jogar bola.

A Educação Infantil tem uma grande importância na formação das crianças, pois é quando elas terão a primeira oportunidade de conviver em coletivo, numa instituição com características diferentes do ambiente familiar. Em convívio com outros indivíduos o corpo das crianças começa a ganhar novos movimentos, gestos, posturas, criando assim novos valores culturais.

As características físicas e os comportamentos esperados para meninos e meninas são reforçados, às vezes inconscientemente, nos pequenos gestos e práticas do dia-a-dia na educação infantil (GROSSI, 1998).

Os espaços na Educação Infantil, onde as crianças passam maior parte do seu dia quando se encontram na instituição, são organizadas com espaços temáticos e adaptadas para elas, como por exemplo, tapetes para momento de roda onde acontecem as contações de histórias e danças, mesinhas para atividades de leitura, cantinho onde tem alguns brinquedos como fogão, cama, carrinhos, tudo com a intenção de instigar o brincar das crianças independente do seu gênero.

O item “espaço”, na Educação Infantil, constitui-se também como um elemento essencialmente educativo, tendo em vista que ele interfere na qualidade das relações que a criança estabelece e para isso, deve estar sempre organizado para “favorecer as interações e confrontos das crianças entre si – favorecendo a cultura de pares – das crianças com os adultos – ambos experimentando a descoberta de ensinar e de aprender [...]” (BRASIL, 2009, p. 19).

Além desses recursos educativos, o uso da literatura infantil é um instrumento pedagógico utilizado por educadores para auxiliar na aprendizagem e no desenvolver do mundo imaginário das crianças. Para Vidal e Neuls (2008, p.01): [...] “não se pode deixar de

perceber que nesse uso escolar-pedagógico produzem-se verdades, subjetivam-se as crianças e os/as jovens, ensina-se o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é ruim, o que é justo ou é desonesto, reforçando estes entre outros binarismos sociais”.

Outro importante instrumento pedagógico utilizado por educadores na Educação Infantil é o uso do brincar e do brinquedo. De acordo com Becaro e Dellalibera-Joviliano (2011) o brincar está relacionado ao desenvolvimento infantil, é como uma linguagem própria da criança, na qual é por meio do brincar e dos brinquedos, dependendo de cada idade, ela irá desenvolver seu potencial cognitivo, linguagem, criatividade e psicomotricidade. Tais capacidades físicas, bem como concepções de comportamentos sociais, continuam a ser estimuladas na próxima etapa do universo escolar: o Ensino Fundamental.

## **2.2 ENSINO FUNDAMENTAL E GÊNERO**

A passagem da criança da Educação Infantil para o Ensino Fundamental caracteriza-se pela força cultural do mundo letrado na sociedade. Em busca não somente da razão de ser, mas de muitas outras razões da própria existência humana, as crianças ingressam no universo escolar cheias de expectativas. Nesse contexto, elas interagem com o novo, com o inesperado, e experimentam as vivências mais variadas possíveis dentro do próprio grupo, com os adultos, os espaços e os objetos que constituem esses espaços. Elas trocam conhecimentos sobre acontecimentos que as rodeiam e as percepções acerca dos fatos do seu cotidiano (DIAS;CAMPOS, 2015).

Apesar das inúmeras diferenças como os espaços, horários e disposição de materiais entre as duas etapas do ensino, o estudo de Dias e Campos (2015), faz referência ao domínio da escrita que, segundo as pesquisadoras, era considerado uma necessidade, tendo em vista que as crianças estavam “crescendo” ou que “estavam grandes”. O fato as fez perceber que para as crianças, a ida para a escola era muito mais forte do que troca de espaço ou submissão a novas regras; era como um “passaporte” para um universo a que elas ainda não tinham acesso ou não tinham reconhecido o acesso, isto é, quando entravam na escola, entravam também no mundo letrado dos adultos.

O Ensino Fundamental o Brasil nos últimos anos, sua organização e seu funcionamento têm sido objeto de mudanças que se refletem nas expectativas de melhoria de sua qualidade e de ampliação de sua abrangência, consubstanciadas em novas leis, normas, sistemas de financiamento, sistemas de avaliação e monitoramento, programas de formação e

aperfeiçoamento de professores e, o mais importante, em preocupações cada vez mais acentuadas quando a necessidade de um currículo e de novos projetos políticos-pedagógicos que sejam capazes de dar conta dos grandes desafios educacionais da contemporaneidade (BRASIL, 2013)

Diante disso, o Ensino Fundamental teve mudanças significativas nos últimos anos, onde passou a ter duração de nove anos, mediante a matrícula obrigatória de crianças com seis anos de idade neste nível de ensino, objeto da Lei nº 11.274/2006. Sobre isso, o Conselho Nacional de Educação (CNE), pelos esforços da Câmara de Educação Básica (CEB), vem produzindo um conjunto de normas orientadoras para as escolas, seus professores, alunos e suas famílias, bem como para os órgãos executivos e normativos das redes e sistemas de ensino (BRASIL, 2013).

Dentro desse mundo do letramento e dos recursos pedagógicos utilizados pelas instituições, se faz presente o uso dos livros didáticos que é um importante instrumento pedagógico na aprendizagem das crianças, Casagrande (2005) traz como exemplo os livros didáticos de Matemática onde representam homens e mulheres de forma estereotipadas, onde são apresentados em situações diferenciadas como se vivessem em mundos separados com pouca interação entre sujeitos de gênero distintos.

Os livros de linguagem não ensinam só a ler, assim como não é o domínio do idioma a única coisa que cultivam, mas sim todo um código de símbolos sociais que comportam uma ideologia sexista, não explícita, mas incrivelmente mais eficaz do que fosse expressa em forma de decálogo. Meninas e meninos tendem de maneira irresistível a seguir a modelos propostos, principalmente quando lhes são oferecidos como inquestionáveis e tão evidentes que nem sequer necessitam ser formulados (MORENO, 1999, p.43)

Quando as crianças chegam ao Ensino Fundamental, trazem consigo uma bagagem de experiências vividas na Educação Infantil, onde se deparam com inúmeras mudanças no seu cotidiano, os horários, espaço, literatura, entre outros aspectos. O modo como essas práticas são mediadas é diferente, isto é, em alguns meses de separação entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, há uma intensificação da burocratização das relações. Assim, o brincar se apresenta muito mais como uma estratégia de “tornar o primeiro ano menos cansativo” do que um reconhecimento dessa linguagem no desenvolvimento e na aprendizagem humana (DIAS; CAMPOS, 2015).

## 2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA E GÊNERO

A Educação Física passou a refletir e falar sobre a temática de gênero, após a década de 1980. Com o surgimento dos primeiros Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, as pesquisas sobre gênero na Educação Física e no Esporte refletem a emergência desta nova temática a partir da publicação de livros, além de dissertações, teses, artigos em periódicos e eventos científicos. Os primeiros estudos da área abordaram as questões de gênero na Educação Física Escolar, especificamente os estereotípicos, papéis sexuais, a distribuição dos alunos nas aulas de Educação Física mista e separada por sexo (SOUZA; ALTAMANN,1999).

No fim dos anos 1990, os estudos de gênero em relação à Educação Física se configuram entre duas correntes predominantes: a Marxista, baseada na preocupação em relação às desigualdades sociais, especificamente na opressão de classe entre homens e mulheres, caracterizando uma hierarquia de dominação-submissão e a corrente Culturalista, que investiga a diversidade cultural e as múltiplas identidades como temas centrais, recebendo influência de teóricos como Foucault (LUZ JÚNIOR, 2003). Logo depois, a corrente Pós-Estruturalista começa aparecer nas reflexões sobre o tema, com foco no reconhecimento de identidades plurais, buscando desconstruir a concepção de gênero definidos pelos corpos biológicos.

A Educação Física, com grande prevalência no âmbito do esporte, tende a vivenciar e, algumas vezes, discutir como as práticas corporais influenciam na construção e manutenção das identidades do indivíduo. No senso comum existem diversas interpretações de que o esporte é uma área reservadamente masculina e as manifestações expressivas, por exemplo, a dança pertence ao mundo dito como feminino. Existindo questionamentos em relação às identidades de gênero e sexual, além de sofrerem com o estereótipo da masculinização e feminilização, existindo estereótipos relacionados às práticas corporais, contribuindo para que homens e mulheres que se inserem em modalidades opostas ao que dizem pertencer ao seu gênero sofram discriminações (DEVIDE ET AL., 2011).

A ausência de discussões sobre as questões de gênero pode fazer com que a Educação Física se estruture baseada em conhecimentos deturpados e preconceitos, pois se tratando de cultura de movimento humano, historicamente tem-se uma superioridade masculina, devido aos meninos apresentarem maior desenvoltura no desenvolvimento de atividades físicas. Entretanto, sabe-se que tais diferenças provem de um maior repertório

motor dos meninos, em consequência do maior número de vivências realizadas por eles ao longo da vida. Para intervir nisso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998), de Educação Física, no que tange as questões de gênero, considera de fundamental importância a realização de aulas mistas, uma vez que estas podem favorecer a meninos e meninas, a aprenderem a ser mais tolerantes, respeitando as diferenças existentes.

É importante lembrarmos que apesar das aulas de Educação Física serem mistas, tentando evitar a construção e/ou reprodução de estereótipos, sabe-se que somente a mistura não supera os preconceitos referentes às questões de gênero. De acordo com Duran (1999) em busca de entender como se dão as relações de gênero na Educação Física em um modelo coeducativo de escola, destaca entre os elementos necessários a mudanças de atitude de professores e professoras para valorizar as diferenças.

Os meninos são incentivados a praticar brincadeiras mais agressivas e mais livres; jogar bola na rua, soltar pipa, andar de bicicleta, rolar no chão em brigas intermináveis, escalar muros e realizar várias outras atividades que envolvem riscos e desafios. As meninas, ao contrário, são desencorajadas de praticar tais brincadeiras e atividades. Esse tratamento diferenciado que se dá aos meninos e às meninas implica em um desempenho motor também diferenciado. Assim, não só nas aulas de Educação Física, mas nas atividades de lazer realizadas em espaços livres, verificam-se facilmente as diferenças nas possibilidades corporais existente entre os gêneros. Portanto, não se pode atribuir a “inferioridade” feminina somente ao aspecto biológico (DARIDO, 2002).

Isso continua se perpetuando na sociedade e nas aulas de Educação Física Escolar, principalmente porque não acontecem discussões sobre as questões de gênero nas disciplinas da Licenciatura e Bacharelado em Educação Física (SOUZA; ALTAMANN, 1999). E, além disso, a mídia influencia para que existam diferenças ao invés de aproximações, entre os gêneros na Educação Física e no Esporte. A mídia esportiva é um veículo de construção das representações sociais que tem reproduzido um desequilíbrio no espaço destinado a cobertura da participação das atletas e dos atletas nos eventos esportivos, caracterizando uma hierarquia de gênero que quando aborda o esporte feminino, ora privilegia a aparência física das atletas, ora destaca suas capacidades atléticas (DEVIDE ET AL., 2011).

Como diz Darido (2002), com as práticas corporais na mídia, diferentemente dos homens, mulheres bonitas jogando futebol, por exemplo, despertaria nas mulheres de todas as faixas etárias o interesse pela prática deste esporte. Na verdade, é um preconceito existente na sociedade quando se deu a prática do esporte por mulheres, elas poderiam participar em

equipes caso fossem atraentes. Cenário que vem mudando lentamente. É obvio que por trás estão interesses econômicos ligados ao esporte, mas é fundamental estar atento a essas novas formas de discriminação. Cabendo a disciplina Educação Física manter um permanente dialogo crítico sobre gênero, trazendo tais reflexões para contexto escolar.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO**

Esta pesquisa descritiva configura-se como de abordagem qualitativa, visto que trata de um estudo que se ocupa com um contexto e uma realidade específica a fim de compreender, explorar ou descrever, de forma a contextualizar o objeto em questão (LUDKE; ANDRÉ, 1995). A pesquisa do tipo descritiva pode ser definida a partir das ações de “observar, registrar, analisar, descrever e correlacionar fatos ou fenômenos [...]” (MATTOS; ROSSETO JR.; BLECHER, 2004, p.15).

#### **3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO**

A seleção das instituições e das turmas ocorreu de forma intencional, motivada pela realização dos Estágios Supervisionado I e II do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A primeira prática de estágio foi realizado no Ensino Fundamental e a segunda realizada na Educação Infantil. Pensando em seguir a lógica estabelecida na escola, o presente estudo descreve primeiramente o campo da pesquisa da Educação Infantil e, em seguida, o do Ensino Fundamental.

##### **3.2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL**

A creche, um dos campos da pesquisa, localizada no bairro Carianos no município de Florianópolis, é um dos polos para realização da disciplina Estágio Supervisionado do curso em Educação Física da UFSC. A instituição pertence à rede municipal e contempla grupos de zero até cinco anos e onze meses (período integral) sendo no total 12 turmas, atendendo aproximadamente 225 crianças, com corpo docente formado por professoras e auxiliares de ensino.

O grupo 2C integral, a qual observei possui uma professora de classe e duas auxiliares (uma no período da manhã e 1 no período da tarde) e as aulas de Educação Física ministrada por uma professora efetiva da creche. O grupo atende quinze crianças, sendo nove meninas e seis meninos, onde a sua maioria já tem dois anos ou iria completar até Outubro. Maiorias das crianças que frequenta a instituição no período integral são moradoras dos bairros próximos a creche, que inclui os bairros Carianos e Costeira.

O dia da aula de Educação Física, é definido entre a professora classe e a professora da disciplina, e acontece uma vez na semana durante um período. Nos períodos que observei, as aulas ocorreram nas quartas-feiras no período matutino das 8 às 12 horas. Nestes dias, a professora de Educação Física juntamente com a professora de classe e auxiliar acompanhava as crianças em todos os momentos da rotina e propunham atividades no decorrer do período.

Nestas observações, anotei em um diário de campo como era o andamento das aulas, sem contato especial com as crianças. Em um primeiro contato, observei que a turma é tranquila e receptiva em conversa com a Professora de Educação Física, a mesma contou que entrou na creche este ano e se formou no curso de Educação Física na UFSC em 2008.

### **3.2.2 ENSINO FUNDAMENTAL**

A escola, outro campo de pesquisa, fica localizada próxima a UFSC, é outro polo para a realização do Estágio Supervisionado em Educação Física. A instituição pertence à rede municipal e contempla o Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio sendo no total 18 turmas (matutino e vespertino), atendendo aproximadamente 500 alunos, e seu corpo docente é formado por professoras/es e auxiliares de ensino.

A turma do 4º Ano do Ensino Fundamental I, a qual fiquei observando com aulas administradas pelo professor de Educação Física, o qual era substituto e começou na escola este ano. As aulas ocorriam duas vezes na semana com uma aula na terça feira (ultimo período) e duas aulas faixas na quinta feira (dois últimos períodos). A turma conta com 22 alunos, sendo onze meninos e dez meninas, com idades entre oito a dez anos. Maioria são moradores dos bairros do Pantanal, Trindade, Carvoeira, Saco dos Limões e Costeira.

Nestas observações, fiquei a cargo de anotar como era o andamento das aulas, sem contato especial com as crianças. De inicio, fui apresentada para a turma como estagiária de Educação Física. Em um primeiro contado, observei que a turma é tranquila, participativa e conta com alguns alunos que se destacam na parte da liderança e da bagunça. Em conversa



com o professor, o mesmo contou que entrou na escola no início desse ano, e se formou na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no ano de 2011, e apenas agora decidiu voltar a atuar como professor.

### **3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**

#### **3.3.1 OBSERVAÇÃO**

A observação, sob algum aspecto, é imprescindível em qualquer processo de pesquisa científica, pois ela tanto pode conjugar-se a outras técnicas de coleta de dados como pode ser empregada de forma independente e/ou exclusiva (RICHARDSON, 2012, p. 259).

A observação também é considerada uma coleta de dados para conseguir informação sob determinados aspectos da realidade. Ela ajuda o pesquisador a “[...] identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento” (MARCONI & LAKATOS, 1996, p.79).

#### **3.3.2 DIÁRIO DE CAMPO**

O diário de campo é um instrumento de pesquisa utilizado na observação. Segundo Triviños (1987) as anotações realizadas no diário de campo, sejam elas referentes à pesquisa ou a processos de intervenção, podem ser entendidas como todo o processo de coleta e análise de informações, isto é, compreenderiam descrições de fenômenos sociais, explicações levantadas sobre os mesmos e compreensão da totalidade da situação em estudo ou em um atendimento.

### **3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA**

Com o início da disciplina de Estágio Supervisionado I, este então realizado em uma Escola Básica da Rede Municipal de Florianópolis, com a turma do 4º Ano do Ensino Fundamental. Sobre as demandas da disciplina, uma delas era a elaboração dos registros de observação da turma antes do início do planejamento e intervenções serem feitas. Estes registros viraram meu diário de campo, me ajudando assim no andar da disciplina e originando a proposta de pesquisa.

Os registros no diário de campo se deram nas aulas de Educação Física, que aconteciam em dois dias da semana: nas terças no último período e nas quintas feiras nos dois últimos períodos, com duração de 45 minutos cada aula, totalizando 3 aulas semanais. Foram total de nove observações, realizadas de forma passiva sem contato com as crianças durante as aulas.

Procurava sempre me posicionar em lugares perto do professor e dos alunos e alunas, para melhor descrever suas falas e atitudes. Diante dessas anotações de falas e atitudes, e conversa com o professor do Estágio, surgiu a ideia de pesquisar sobre o tema nas aulas de Educação Física em especial no Ensino Fundamental. Começou então, a pesquisa sobre artigos relacionados a temática de questões de gênero no ambiente escolar, juntamente com artigos sobre a Educação Física no Ensino Fundamental, se tornando base para fundamentação teórica.

No segundo semestre do ano letivo de 2017, ocorreu uma mudança de instituição para realização da disciplina do Estágio Supervisionado II, que seria realizado em uma Creche da Rede Municipal de Florianópolis, com crianças do grupo 2C. Em conversa com a orientadora da pesquisa, decidimos continuar com o tema, e trazer as relações de gênero tanto no ambiente da Educação Infantil quanto do Ensino Fundamental.

Continuei utilizando o diário de campo nesta instituição, como registro para análise dos dados. Diferente de como ocorreu no Ensino Fundamental, em algumas situações de registro tive contado com as crianças, devido a maior curiosidade delas em relação à inclusão de uma pessoa estranha durante seu período na creche.

Diferente de como ocorre no Ensino Fundamental, as aulas de Educação Física ocorrem mediante um acordo com a professora de Educação Física e a professora de classe. As aulas que fiz registros ocorreram nas quartas feira durante meio período, que compreendia das 8 horas da manhã ao meio dia.

Nos dias das aulas de Educação Física, a professora da disciplina acompanhava juntamente com a professora de classe, as crianças na sua rotina, que começa às 8 horas que seria a chegada delas na creche, às 08 horas e 30 minutos é o horário do café e das 9 horas às 10 horas e 10 minutos, era o período da aula de Educação Física. Logo depois da aula, as crianças eram preparadas para o horário do almoço que normalmente acontecia às 10 horas e 30 minutos. Depois de voltar do almoço era o momento de higiene, onde eram trocadas as fraldas das crianças e escovados os dentes. Do momento da higiene, que normalmente

acabava pelas 11 horas e 10 minutos, as crianças eram preparadas para dormir. Depois que todas as crianças dormiam, a professora de Educação Física poderia ir embora.

Estes momentos de observações das duas instituições de Estágio tiveram como objetivo conhecê-las em diferentes aspectos: estrutura física, trabalho pedagógico do professor de Educação Física, características das turmas, as manifestações das suas falas e atitudes e as suas manifestações de gênero.

### **3.5 ANÁLISES DE DADOS**

Para análise dos dados optou-se pelo método de Análise de Conteúdo. A Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas dessas mensagens) (BARDIN, 1977)

Dentro das técnicas de Análise de Conteúdo, utilizamos análise por categoria onde se baseia na decodificação de um texto em diversos elementos. Entre as possibilidades de categorização, aplicou-se a análise por temas ou análise temática. Consiste em isolar temas de um texto e extrair as partes utilizáveis, de acordo com o problema pesquisado, para permitir sua comparação com outros textos escolhidos da mesma maneira (RICHARDSON, 1999).

De início as informações obtidas, através das observações e transcritas para o diário de campo para posteriormente iniciar o processo de análise, onde procurei destacar pontos que se fez mais presente nas anotações do diário de campo e de como influenciam as crianças no seu desenvolvimento.

## 4. DISCUSSÃO

### 4.1 EDUCAÇÃO INFANTIL E GÊNERO: OS PRIMEIROS PASSOS

No presente capítulo estão apresentadas reflexões sobre os primeiros contatos com as concepções de gênero na escola, onde a criança recebe as representações de feminino e masculino do professor e reproduz as que aprendeu em casa, as quais já podem estar impregnadas por uma oposição. Scott (1995) com seus estudos, nos mostra que quando se reflete a respeito de representação feminina e masculina na sociedade, não está colocando em oposição mulheres e homens, mas sim a desconstrução da hegemonia masculina sobre a feminina, buscando a igualdade política, social, de classe e de raça.

Tal pensamento também encontra lugar nas palavras de Louro (2002), que afirma: gênero está relacionado “ao modo como das diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto”. Isso nos relembra que a diferença entre homens e mulheres, não é apenas o sexo biológico, mas sim como ela é construída diante da sua cultura.

Essas diferenças são construídas nas crianças pouco a pouco através de vários mecanismos que envolvem a presença de adultos, crianças, meios de comunicação, etc. Essas relações que estão presentes no dia-a-dia influenciam na construção da cultura das crianças, contribuindo, assim, para a construção da sua identidade de gênero.

Nesta direção, Louro (1995) ainda nos diz que para ser ensinado ou aprendido gênero é uma categoria que permeia as diversas instituições sociais, sendo possível admitir que a justiça, escola, igreja, trabalho, lazer expressam as relações de gênero. E para, além disso, tratar de gênero está presente na ideia de formação, socialização e educação dos sujeitos.

Pensando no que foi discutido até o momento e através das minhas observações nas instituições de Educação Infantil, trago algumas discussões seguindo o que registrei no diário de campo, onde percebi que se fizeram presentes as questões de gênero nos primeiros contatos que tive neste ambiente.

Neste primeiro dia percorri toda instituição, fazendo o reconhecimento das salas, dos espaços para as brincadeiras, alimentação [...] e depois de passar por todos os espaços percebi a presença de apenas pessoas do gênero feminino nos grupos com as crianças.

Esta presença de apenas pessoas do gênero feminino na Educação Infantil nos remete a imagem feminina construída pela história e cultura da nossa sociedade está relacionado à maternidade, ou seja, com o ato de cuidar e educar. De tal forma, a origem da imagem do professor na Educação Infantil teve seu vínculo entre mãe e professora, ou seja, numa concepção onde se tem uma “matriz enraizada nas ideias socialmente construídas de infância, de relação adulto-criança e cuidada” (CARVALHO, 1999, P.15). O trabalho docente é uma “missão feminina desde o período de consolidação como profissão até os dias atuais em que se constata flagrantemente a maioria de mulheres nesta função” (ZIBETTI, 2000).

Com a entrada na Educação Infantil de sua maioria mulheres, este se feminizou, tendo atributos associados a estas, como amor, cuidado, delicadeza, entre outros. O papel das professoras passou também a ser de mãe para filhos (LOURO, 1997). Atributos estes que foram construídos socialmente e se fazem bastante presente nos dias de hoje.

Pela construção sociocultural da sociedade acredita-se que apenas mulheres estão preparadas para esta função, o set masculino que opte por atuar na Educação Infantil é solicitado mostrar sua competência para tal (SOUZA, 2015).

Souza (2015) nos afirma ainda que a chegada de um docente do sexo masculino na Educação Infantil é vista pela família e pelas docentes mulheres como grande preocupação, por medo de que aconteçam casos de pedofilia, por casos realmente existentes e pela presença da mídia. Monteiro e Altmann (2014), trazendo uma justificativa para esta a questão de cuidados com o corpo da criança, afirmam que principalmente crianças com menos de três anos requerem cuidados maiores. Sabemos que a Educação Infantil é uma área tanto para mulheres quanto para homens e que ambos os sexos tem a possibilidade de cuidar e educar.

Uma das possibilidades de rompermos com essa construção existente, que tenha como objetivo possibilitar que as crianças convivam com docentes do gênero masculino, é por meio de cursos de formação para professores que possibilitem a desconstrução dessa área vinculada ao gênero feminino. Faz-se de grande importância a inserção, nos currículos e a discussão das questões de gênero para que se construam práticas para todos da comunidade escolar (ZIBETTI, 2007).

Outro fator observado foram as vestimentas das crianças.

Ao entrar de cada criança, reparei nas suas vestimentas, normalmente eles não utilizam o uniforme da instituição, apenas um menino estava utilizando (utilizou em todos os dias que estava presente). As meninas costumam usar calça, blusa e casaco e a laços ou amarrados no cabelo, onde normalmente as roupas são de cor rosa, branco, laranja, com desenhos de gatinhas,

florzinhas, poá e laços rosas de florzinhas. Os meninos costumam também utilizar calça, blusa e casacos, onde normalmente as roupas são de cores cinza, azul, preto, detalhe para um menino que todos os dias que me fiz presente estava com blusa do homem aranha.

Relacionando a vestimenta das crianças com a questão de gênero, Entwistle (2000, p.141) defende “tão significativas são as roupas para nossas leituras do corpo que elas podem vir a suportar diferenças sexuais na ausência do próprio corpo”. Se pensarmos que de primeiro encontro é difícil distinguir o sexo de um bebê recém-nascido e as vestimentas é o único elemento que naquele momento define o gênero da criança, onde a aparência “masculina” leva a pensar que o sexo biológico é também masculino, formando assim uma identidade masculina, sem ao menos conhecer a cultura do indivíduo.

Entwistle (2000) diz que as pessoas esperam que as mulheres se vistam para “parecerem” mulheres e os homens para se “parecerem” homens. Esse processo começa desde cedo, onde normalmente as crianças são vestidas com estilos e cores de roupas diferentes e assim construindo a sua identidade na sociedade. Desde modo, “existe uma estreita relação entre as vestimentas e as identidades. Por este motivo, usualmente entendemos que as roupas que vestimos constituem uma extensão de nossa pessoa” (SALERNO, 2007, p.13).

Desde modo, as vestimentas das crianças é um dos elementos que define o gênero neste período da vida, modelada pelos conceitos pré-determinados pela sociedade. De fato uma grande parcela da sociedade utiliza nas crianças vestimenta que fazem referência ao sexo feminino e masculino como ferramenta de diferenciação social.

Outro ponto a destacar no meu diário de campo, foi o brincar das crianças, por ser esta uma forma delas se manifestarem culturalmente. A brincadeira é um meio de conhecer a criança e ajudar na construção da produção da cultura da criança.

No primeiro dia de observação, a aula de Educação Física começou em torno das 9 horas. Antes disso, as crianças estavam brincando na sala, em diversos espaços com diversos brinquedos. Um dos meninos estavam no canto que tem como temática a casinha com armário, louças e cama, ele estava brincando com um frigideira e a professora de classe falou: isso Antônio, faz uma comidinha mas não esquece de lavar a louça, o mesmo pegou a frigideira lavou a louça, guardou no armário e depois deitou na cama e olhou para mim e falou: agora vou dormir.

Do que foi observado na Educação Infantil, é possível perceber que os meninos têm vontade de brincar de casinha, de boneca e as meninas têm vontade de brincar com bola ou de carrinho. As crianças nesta idade revezam o brincar, de tal forma que não menospreza ou

despreza as brincadeiras consideradas de meninos ou meninas e para elas não importa se o outro indivíduo é do sexo oposto elas querem apenas brincar.

No ambiente escolar da instituição pesquisada encontra-se um leque bastante grande de brinquedos e brincadeiras ofertadas pelas professoras, que permitem que sejam ocupados por meninas e meninos sem discriminação. O observar destes momentos foi possível perceber que as crianças não possuem práticas que nos remete ao mundo sexista. Louro (2002) afirma em seus estudos que as instituições e suas práticas nos ensinam concepções fazendo com que certas atitudes e comportamentos, diferenciadas pelo sexo se tornam quase “naturais”, porém 'tal naturalidade', tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentam, circulam e se agrupam de formas distintas". (LOURO, 1997, p. 56).

#### **4.2 ENSINO FUNDAMENTAL E GÊNERO: O PROCESSO DA CAMINHADA**

Quando as crianças chegam ao Ensino Fundamental, trazem consigo uma bagagem de experiências vividas na Educação Infantil, onde se deparam com inúmeras mudanças no seu cotidiano, os horários, espaço, literatura, entre outros aspectos. Buscando discutir outras anotações feitas no diário de campo em outro polo da pesquisa, pude notar a presença mais ativa dos meninos em atividades que requerem mais habilidades e as meninas davam mais valor a atividades mais suaves. Estas diferenças de atitudes nos faz fazer relação ao período escolar que as meninas não tinham acesso igual às práticas de jogos e brincadeiras dos meninos.

Os meninos estavam jogando futebol na quadra aberta [...], as meninas estavam no corredor lendo livros, e um dos livros era algo que remetia de como ser mãe [...], as meninas estavam usando uma tiara de gatinha, algumas de unhas pintadas.

A prática dos esportes pelos meninos estava bastante presente no cotidiano da escola, o que pode ser percebido ao voltar do recreio suado, conversando sobre os jogos e seus pedidos durante as aulas de Educação Física. Por outro lado, as meninas estavam mais preocupadas em ler seus livros que faziam referência a ser mãe, suas roupas e objetos da moda a serem utilizadas por elas.

Enquanto o desempenho esportivo ocupa um lugar de extrema importância na construção de certa masculinidade (CONNEL, 1995), a produção e expressão da beleza o

fazem em relação à feminilidade (WOLF, 1992). Estas atitudes advêm das construções sociais feitas pela sociedade, onde homem deveria ser viril e a mulher deveria ter instinto materno e cuidado com a sua beleza.

Ao relacionar a presença da mulher com o esporte, esta começou a ter conhecimento pela prática apenas no século XX. Apesar da mulher se fazer presente nos esportes tanto no alto rendimento quanto por lazer, ainda existe uma grande subordinação desta em relação ao homem. Foi possível enxergar esta construção de feminino e masculino no esporte, diante de um acontecimento descrito no diário de campo, onde:

Mariano: Professor, no final da aula pode jogar futebol?  
 Professor: Pode, mas as meninas precisam participar.  
 Mariano: ah não professor, elas não sabem chutar a bola.

A existência deste “pré-conceito” de que meninos são mais habilidosos do que as meninas, por eles terem uma concepção que elas não sabem chutar uma bola, é possível questionar se este não seria um conceito criado pela a experiência dele na prática de atividades realizadas com as meninas. Esta fala nos traz novamente a construções sociais onde meninos tem seu maior envolvimento com as práticas esportivas e as meninas com um envolvimento maior com o cuidado de si.

Outro ponto a ser destaque do diário de campo foi a presença da música no cotidiano das crianças.

Em conversa entre os alunos no meio da aula, Fernando contou que mora no bairro de Pantanal e gosta de escutar funk e sertanejo. João falou que mora no bairro da Costeira e gosta de escutar funk e seu cantor preferido é Mc Kekel.

A presença da música no cotidiano das pessoas é um meio de grande influência de valores. Destacando o funk da fala das crianças, pela sua alta repercussão nos dias atuais e de como as letras das músicas faz repressão à sexualidade da mulher e incentiva assédios, principalmente sexuais do homem contra a mulher, nos fez conhecer um pouco da sua história e de como ela repassa esta imagem das mulheres. Deixando claro que não é apenas o gênero funk que faz repressão à sexualidade da mulher, trouxe este gênero pela presença constante nas falas das crianças e de sua repercussão na sociedade.

Duarte (2016) nos relembra a história do funk no Brasil, que teve origem na década de 70, baseada na música americana, os chamados “bailes da pesada”. A partir dos anos 80, as letras das músicas eram feitas a partir de algum sucesso americano, foi ai que o funk



passou a ganhar um caráter híbrido. No final desta década, Dj Marlboro (conhecido dos bailes funk) lança um disco “Funk Brasil” e, com o sucesso do álbum, o funk ganha a atenção da mídia. Mas apenas nos anos 2000 os bailes foram aprovados legalmente, esta época foi marcada pelo funk erótico, o surgimento dos “bondes” e a expressão feminina nas músicas. Nesta época já havia algumas mulheres e homens de sucesso através do estilo, como Mc Tati Quebra Barraco, Grupo Gaiola das Popozudas e o Mr. Catra. O que conhecemos por funk ostentação surgiu por volta de 2009, que traz nas suas letras um estilo de vida pautado em carros importados, bebidas cara, roupas de grife e mulheres.

Buscando conhecer melhor as letras do músico citado pela criança, encontram-se alguns estereótipos negativos em relação à mulher. Um dos trechos da música do cantor faz repressão da sexualidade feminina e o lado interesseiro da mulher de ser. A mulher é retratada como um objeto sexual que não tem sentimentos com quem se relaciona e deseja apenas se aproveitar dos confortos que o dinheiro do homem com quem se envolve podem lhe proporcionar. E o poder do homem de se relacionar com varias mulheres.

Com estas representações nas letras das músicas, estas acabam enfatizando os papéis que foram historicamente construídos para homens e mulheres, onde a relações são de hierarquia masculina e a mulher é vista como um ser que está a disposição do homem.

Fazendo a relação com a música e o ambiente escolar, é preciso discutir textos e capacitar as pessoas para que, como sujeitos históricos, sejam capazes de buscar e de (re) construir discursos alternativos, em suas práticas diárias. Para Vieira:

Há que transformar o discurso masculino de opressão em discurso de respeito a uma nova mulher: determinada, forte, que adota um projeto reflexivo de vida que implica responsabilidade pessoal. Cada mulher é aquilo que ela faz de si própria (2005, p. 236).

## 5. CONCLUSÃO

Ao descrever como se estabelecem as relações de gênero no âmbito da Educação Física Escolar no Ensino Infantil e no Ensino Fundamental durante o Estágio Supervisionado I e I, período este que se faz de grande importância no processo de formação de professores, pude refletir sobre as circunstâncias inesperadas e descobrindo as diversas formas que existem nas construções de desigualdades entre os gêneros.

Entender o conceito de gênero é antes de qualquer coisa desconstruir preconceitos, valores impostos de enxergar o ser feminino e o ser masculino na sociedade. O desconstruir é também o não se deixar levar por culturas já impostas pela comunidade, sendo capazes de compreender o porquê de existir e de como podem contribuir nas construções de uma sociedade.

As relações de gênero se constituíram através da luta das feministas por igualdade de direitos entre mulheres e homens. Luta que dura até dos dias de hoje. Ficou evidente, durante a pesquisa, a presença da reprodução cultural, onde se faz referência de que meninos vestem roupas mais escuras e são mais fortes, e meninas devem ser submissas a eles.

Falar sobre gênero no ambiente escolar nos permite ver como a sociedade está compreendendo este assunto. Esta transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental onde as crianças levam consigo uma grande bagagem de experiências vividas durante esta primeira instituição, pois foi onde ele teve seu primeiro contato com a sociedade, saindo do ciclo familiar, tiveram mudanças no seu cotidiano, horários, espaços, literatura, entre outros. E quando chegam ao Ensino Fundamental começam a ter outros modos de convivência dentro destas instituições, a presença com outras professoras, colegas e o vai sinalizando suas preferências que às vezes não estão de acordo com o que a sociedade impôs a tal sexo biológico.

Sabendo da importância do ambiente escolar na construção dessas culturas, deve buscar formas de capacitar seus educadores a fim de buscar a desconstrução dessas barreiras de desigualdade as quais são construídas através de anos na escola. Devemos recorrer a instrumentos usados para vincular estas desigualdades e problematiza-los diante de situações que surjam. Materiais didáticos devem ser utilizados de que forma que não reproduza estereótipos. E o planejamento das aulas esteja sempre ligado ao tema gênero.

Torna-se assim necessário a formação de professores, já que na maioria dos cursos de licenciatura essa temática não é contemplada na grade curricular. Por meio desta formação

o profissional terá oportunidade de compreender e se aprofundar ao tema e observará que este mais presente do que imaginava, ou seja, na relação entre as crianças, entre criança e adultos, entre os adultos, na sua relação com o brincar, nos brinquedos, nos espaços que estão inseridos, nos livros infantis/didáticos, nas falas. E nestas relações que a (des)construção desta questão de gênero se faz presente e é onde o educador deve estar capacitado para discutir sobre a temática e incluí-la nas suas aulas.

Por fim, acredito que nós professores podem e devemos trabalhar e acreditar que é a partir de novas intervenções nas aulas que podemos construir uma nova realidade na nossa sociedade no que se refere a desigualdade de gênero. Acredito que, desconstruindo este determinismo biológico, poderemos contribuir para uma sociedade que respeita todas as diferenças presentes no mundo.

## 6. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, L. R. A Constituição Histórica da Educação Física no Brasil e Os Processos da Formação Profissional. In: **Congresso Nacional de Educação**, Paraná, 2002.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**, 2013. Disponível em:  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-%20pdf&category\\_slug=abril-2014-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-%20pdf&category_slug=abril-2014-pdf&Itemid=30192)>.  
 Acesso: outubro de 2017.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1, p. 1-9, dez. 1996.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BECARO, Amanda Bento; DELLALIBERA-JOVILIANO, Renata. RECREAÇÃO HOSPITALAR NA PEDIATRIA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA. Revista EPeQ FFafibe, 3ª ed., 2011. Acesso em: 26 outubro 2017.

BERGER, Manfredo. **Educação e Dependência**. 4º Ed. São Paulo: Difel, 1984.

BRAGAGNOLO, Regina Ingrid; BARBOSA, Raquel. In: GRAUPE, Mareli; BRAGAGNOLLO, Regina Ingrid. As Diferenças de Gênero no Espaço Escolar. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015.

BROUGÈRE, G. **Brinquedos e companhia**. São Paulo: Cortez, 2004.

CARVALHO, Marília Pinto de. No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais. São Paulo: Xamã, 1999.

CASAGRANDE, Lindamir Salete. **Quem mora no livro didático?** Representações de gênero nos livros didáticos de matemática na virada do milênio. 2005. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pósgraduação em Tecnologia, CEFET-PR, Curitiba, 2005.

CONNEL, Robert. Políticas da masculinidade. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206. jul./dez., 1995.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira (orgs). **A educação escolar em perspectiva histórica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

DARIDO, S. C. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. Motriz, v. 8, n. 2, 2002.

DEVIDE, F. et al. Estudos de gênero na educação física brasileira. Motriz, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 93-103, jan./mar. 2011.

DIAS, E. B.; CAMPOS, R. Sob o olhar das crianças: o processo de transição escolar da educação infantil para o ensino fundamental na contemporaneidade. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** [online], v. 96, n. 244, p. 635-649, 2015.

GOELLNER, Silvana V. Da criança de hoje depende do Brasil de amanhã: raça e gênero na educação física brasileira do início do século XX. In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; 2005.

KRAMER, Sonia. Direitos da criança e projeto político pedagógico de educação infantil. In: BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sonia. **Infância, educação e direitos humanos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LOURO, Guacira. Gênero: questões para a educação. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUN, Sandra (Org.). Gênero, democracia e sociedade brasileira. São Paulo: Ed 34/ Fundação Carlos Chagas, 2002. p. 225-242.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade, educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LUDKE M, André MEDA. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU;1995.

LUZ JÚNIOR, A. Educação Física e Gênero: olhares em cena. São Luís: Imprensa UFMA/CORSUP, 2003.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MEYER, D. E. Escola, currículo e produção de diferenças e desigualdades de gênero. In: SCHOLZE, L. (Org.). **Cadernos temáticos: gênero, memória e docência**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação, 2001.

MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. Cadernos de pesquisa v.44, n.153, p.720-741, jul./set. 2014.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: O sexismo na escola**. Campinas: Moderna,1999.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. História, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>> Último acesso em: 03 de novembro de 2017.

RAMOS, J.J. Os exercícios físicos na história e na arte. São Paulo: Ibrasa. 1982.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SALERNO, Melisa Anabella. Algo habrán hecho: la Construcción de la Categoría Subversivo y los Procesos de Remodelación de Identidades a través del Cuerpo y el

Vestido (Argentina, 1976-1983). In: **Revista de Arqueologia Americana**, v. 24, 2007.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. *Cad. CEDES* [online]. 1999, vol.19, n.48, pp.52-68.

SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Mulheres, 1995.

STAMATTO, M. I. S. Um olhar na história: a mulher na escola ( Brasil: 1549-1910). **II Congresso Brasileiro de História da Educação**, Natal, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VAZ, Alexandre Fernandez. Aprender a produzir e mediar conhecimentos: um olhar sobre a prática de ensino de Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XV, n. 13, p. 11-34, nov. 1999.

VIDAL, Fernanda Fornari; NEULS, Janaína Souza. Contos de fadas modernos: ensinando modos de ser homem e mulher. Acesso em: 3 de outubro de 2017.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA**, vol. 21, São Paulo, 2005.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: 1992.

WOLFF, Cristina Scheibe; SILVA, Janine Gomes da. **Gênero: um conceito importante para o conhecimento do mundo social**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. p. 95-114.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto. **O que pensam professoras de educação infantil sobre a feminização da profissão docente?** GT: Gênero, Sexualidade e Educação / n.23. Agência Financiadora: CNPq, 2007.